

O DESPERTAR DO LEITOR LITERÁRIO: UM ESTUDO NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO

Gisélia Mendes da Silva¹

Resumo: Este artigo pretende não só levar à reflexão a maneira como o ensino de literatura vem sendo ministrado no Colégio Estadual Poeta José Sampaio, em Carmópolis-SE, como também, a título de exemplo, apresentar uma experiência vivenciada neste colégio na disciplina literatura no ano de 1994. A organização desse trabalho acontece em três momentos: No primeiro, Considerações Teóricas, discorreremos acerca da importância da linguagem literária e da formação do leitor. No segundo momento, Carmópolis poético, faremos um breve relato sobre o ensino de literatura no colégio acima citado e apresentaremos, em linhas gerais, a trajetória do grupo NERT nas Considerações Finais, retomaremos os principais momentos desse artigo e destacaremos alguns aspectos a serem considerados na construção de um leitor que, verdadeiramente, contribua para que as armadilhas textuais sejam definidas pelo prazer de ler.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Literatura.

Abstract: This article aims not only to lead people to reflect how the teaching of Literature is being taught in the State School Poeta José Sampaio, in Carmópolis-SE, but also, to show as example, an experience lived in this school in the literature course in the year 1994. The organization of this work takes place in three stages: the first, theoretical considerations, we talked about the importance of literary language and the training of the reader. In the second moment, poetic Carmópolis, we will make a brief report on the teaching of Literature in the high school mentioned above and present, in general lines, the trajectory of NERT group. The closing remarks will resume the key moments of this article and highlight some aspects to be considered in the construction of a reader that truly contributes so that the textual traps are defined by the pleasure to read.

Keywords: Teaching. Reading. Literature.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As nuances significativas que alicerçam o espaço da linguagem formatam uma maneira expressiva e reveladora de prescrever as coisas do mundo, contribuindo para que a vida em sociedade seja elaborada de maneira mais ampla. Isso se justifica pelo fato de a linguagem ser, segundo Eco, “incapaz de apreender um significado único e preexistente” (ECO, 2005, p. 45). O seu caráter dinâmico e a sua riqueza de expressão colocam-na diante de várias funções. Interessa-nos, no momento, direcionar a nossa

¹ Professora da rede pública municipal e estadual de ensino. Graduada em Letras e especialista em Ensino de Português e Literatura pela Universidade Federal de Sergipe. Mestranda em Letras/UFS. E-mail: bielluc@uol.com.br

atenção para o funcionamento da linguagem no universo da estética, no qual a arte literária tem um lugar magistral.

A literatura consegue retrabalhar o discurso do dia a dia tornando-o mais aprazível e atrativo. É uma linguagem que foge do imediatismo corriqueiro, posicionando-se como uma forma “requintada” de dispor as palavras no texto. Conforme Terry Eagleton, “A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 2006, p. 3). O processo de conversão do signo comum em arte exige afincamento e desprendimento, desta forma teremos uma obra elaborada com o objetivo de alcançar um êxtase artístico, perceptível aos leitores que foram preparados para interagir com o texto que está sendo lido. Quando o aluno/leitor é treinado para fazer inferências no texto, ele consegue se apropriar mais facilmente do código linguístico quer seja em prosa ou em verso.

A escola exerce um papel preponderante na formação do educando/leitor, pois cabe a ela letrar literariamente o aluno, ou seja, “dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (BRASIL, 2006, p. 55). Uma obra, normalmente, vem organizada a partir de um discurso eclético, bem tramado, cujas marcas ideológicas, filosóficas, linguísticas, dentre outras, exigem que o aprofundamento da compreensão do texto seja ainda mais acurado. Além disso, precisa existir uma cumplicidade entre o texto e o leitor. Levando essa reflexão especificamente para o contexto escolar, poderíamos lançar o seguinte questionamento: será que as práticas de leitura que estão sendo desenvolvidas em sala de aula, efetivamente, contribuem para a formação de leitores críticos e participativos? Segundo Regina Zilberman, “a leitura de Literatura tem-se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar seja porque diluída em meio aos vários tipos de discurso ou de textos, seja porque tem sido substituída por resumos, compilações, etc.”

A emergência para se chegar a resultados satisfatórios leva o ensino de literatura a se converter em uma atividade desmotivante, desanimadora, sem qualquer expressividade. O prazer estético é substituído pela quantidade de conteúdos acumulados. Parte daí a necessidade de elaboração de uma proposta de leitura que consiga “capturar” os alunos e os convide a desvendar os labirintos do texto literário. A leitura precisa sobrepor-se à mera decodificação. Cabe ao leitor sucumbir ao significado aparente do texto. Para isso ele precisa estar aparelhado de um prévio referencial cognitivo que o prepare para as surpresas do texto.

Texto e leitor necessitam interagir dinamicamente. Seria uma espécie de abraço bem acalorado. Um leitor é construído pouco a pouco, dependendo de como ele consiga se desvencilhar das armadilhas lançadas pelo autor. Nessa relação de intimidade e interação linguístico-discursiva, o leitor vai se emoldurando e exercitando a conquista do prazer de ler. Nas palavras de Roland Barthes, “elaborar um espaço de puro prazer e criar caminhos para a arte do diálogo, no qual o desejo é o ponto de partida para que o leitor desfrute do que lhe é oferecido pelo autor”. (BARTHES, 2004). É importante reafirmar que o leitor nunca é um sujeito passivo e o texto, por sua vez, não é um objeto inteiramente à disposição de alguém para ser absorvido na íntegra. Leitor e texto precisam sempre estar dispostos a negociar. As palavras de Eni Orlandi complementam o que anteriormente foi anunciado:

[...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: o(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados (ORLANDI, 1996, p. 193, 194).

Tomando como ponto de apoio o fato de a composição do texto se dar no ato da leitura, torna-se ainda mais relevante o desafio que é imposto ao leitor de interagir com o objeto que está sendo apreciado. Embora uma produção textual seja construída para uma comunidade de leitores, cada leitor manifestará uma experiência única, visto que cada um possui sua própria visão de mundo que, em contato com outras visões, renovará o discurso social. O professor deveria confrontar o aluno com a diversidade de leituras do texto literário, para que o educando reconheça que o sentido não está no texto, mas é construído pelos leitores na interação com textos. É justamente nesse espaço dialógico entre educando e expressão escrita que o estudo da literatura se torna significativo. Lamentavelmente, a relação que o aluno do ensino médio estabelece com a disciplina Literatura, na realidade de muitas escolas públicas, não é satisfatória, uma vez que “a experiência plena de leitura do texto literário é substituída pela fragmentação de trechos de obras ou poemas isolados” (BRASIL, 2006, p. 63). Os fragmentos de textos não conseguem suprir a amplitude das informações que se encontram numa obra completa. Ao aluno-leitor não é reservado, nessa situação, o direito de usufruir de conhecimentos mais elaborados e abrangentes. Para algumas

peessoas essa condição é justificada em virtude do desinteresse que determinados alunos manifestam pela leitura de obras.

É urgente que seja construído e executado, nas Instituições de Ensino, projetos de formação de leitor. Precisamos “recuperar a dimensão formativa do leitor”. Acreditamos que a solução estaria em “‘letrar’ literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito” (BRASIL, 2006, p. 54). Defendemos a ideia de que é necessário despertar o leitor literário que se encontra adormecido diante do desestímulo pela leitura trazendo para sala de aula temas que sejam do interesse do aluno, obras literárias que comunguem com os anseios da clientela estudantil que precisa encontrar, na escola, um lugar de construção do saber, do conhecimento. Com base nos dados apresentados até o momento, a seguir nos reservaremos a relatar a nossa experiência no Colégio José Sampaio como professora de Literatura e contaremos também como se formou o grupo de leitores e produtores de texto: NERT.²

2 CARMÓPOLIS POÉTICO

Os vinte anos de exercício do magistério no Colégio Poeta José Sampaio me permitem afirmar que há necessidade de repensar o ensino de literatura que é ministrado nesta Instituição de Ensino. A maioria dos alunos, quando chegam ao ensino médio, apresenta várias dificuldades no momento de se posicionar diante de textos, quer sejam em prosa ou em verso. Atribuo isso ao fato de os alunos não terem sido despertados, durante as séries iniciais, de uma forma mais lúdica e prazerosa, para a leitura de textos. Os recursos extralinguísticos, a sutileza das entrelinhas e o sentido conotativo da linguagem não são valorizados como suportes pontuais para leitura e compreensão de textos literários. Além disso, outro elemento é primordial para esse desestímulo: o aluno está sufocado muitas vezes pelos instrumentos tecnológicos.

Guiados pelos recursos eficientes e por vezes desastrosos da internet, o aluno instrumentaliza o seu universo cultural e, de certa forma, priva-se da sabedoria adquirida nos livros. Acostumaram-se a ver o conhecimento e entretenimento através dos blog, msn e orkut. Quando são convidados a ler, optam pela praticidade. Realizam apenas uma leitura superficial, fragmentada; não penetra no sentido mais profundo do

² Grupo de leitores e produtores de textos em verso, do município de Carmópolis, formado em 1994. Sigla resultante da junção das letras iniciais dos nomes dos quatro primeiros componentes: Núbia, Elaine, Rubens e Talvanis. NERT significa **movimento**.

texto, distanciando-se, cada vez mais, do caráter desmistificador da arte literária. Essa condição de apatia intelectual decorre de dois grandes eixos problemáticos: a inexistência de uma política pedagógica que contemple o ensino de literatura como uma das atividades a serem realizadas rumo ao aperfeiçoamento intelectual do aluno e a desmotivação das aulas que são ministradas; há na aplicação dos programas de ensino, geralmente, um apego excessivo à demarcação de períodos literários, numa atitude alienante e desmotivadora. Essa situação é desagradável tanto para o aluno, quanto para o professor.

Embora reconheçamos a importância de darmos a nossa contribuição para operacionalizar a mudança que se faz necessária, não é objetivo desta comunicação apresentar um modelo de proposta. A nossa contribuição reserva-se a relatar a experiência da nossa prática enquanto professora de literatura no Colégio José Sampaio no ano de 1994. Acreditamos, através desse depoimento, estar colaborando para que o espaço escola-sala-de-aula possa ser vislumbrado como lugar propício para construção prazerosa da leitura. Confiamos, também, que o distanciamento do aluno do universo da leitura deve-se ao fato de ele estar guardando um saber que nem sabe que possui.

Assumimos com os nossos alunos, ao longo desses vinte anos, o compromisso de levá-los a vivenciar o contato com a literatura de maneira mais significativa, dinâmica e participativa. No ano de 1994, como professora de literatura do Colégio Estadual Poeta José Sampaio, levei, para sala de aula, um jeito que eu acreditava se não inovador, mas pelo menos diferente, de trabalhar literatura. Ministrava normalmente as minhas aulas durante os 50 min., mas lancei em turma a proposta de fazermos um trabalho atípico: ler os textos a partir de uma visão menos acadêmica, ler simplesmente pelo prazer de estar lendo, invadir o universo da poesia sem medo ou reservas. Os textos eram lidos em voz alta, eram dramatizados, associados a outros textos, e mais, o aluno tinha liberdade para selecionar os textos que queria ler. Como precisávamos cumprir o programa, realizei esse tipo de atividade nos horários vagos e mesmo em outros momentos fora do tempo da aula. Quatro alunos aceitaram o desafio e o trabalho foi ganhando vida e expressividade. Sugeríamos que o aluno deixasse a sua imaginação fluir sem amarras, e se expressasse em palavras, através de desenhos, rabiscos, como achasse melhor. Esse trabalho foi dando certo, ganhou representatividade. Nasce assim o grupo NERT que era composto de quatro alunos: Núbia, Elaine, Rubens e Talvanis. Um grupo de alunos leitores, divulgadores da poesia

nacional e produtores dos seus próprios textos. O grupo passou a se reunir aos finais de semana e feriados e sob a minha orientação analisavam textos de diversos poetas brasileiros e construíam os próprios. O NERT passou a ser conhecido e respeitado na cidade e incentivou a participação de outros membros. Passou a concorrer em alguns concursos de poesia no estado. Tiveram resultados bem expressivos. Elevaram o nome do município e, repetindo as palavras de um dos componentes do grupo, Rubens: “A boa atuação do grupo NERT fez intelectuais do Estado de Sergipe lembrar que Carmópolis, a terra do poeta José de Aguiar Sampaio, continua sendo palco de talentos lúcidos que despertaram a poesia carmopolitana do sono profundo das décadas”.

Fazendo parte dos anexos deste texto, encontram-se o poema escrito por Rubens Alves: A rota dos homens; o depoimento feito por ele onze anos depois da realização desse trabalho; um texto que fiz buscando definir o que é ser NERT e títulos de outros poemas de Rubens (Anexos 1, 2, 3 e 4). Através da atividade que direcionamos, foi em mim ampliada a convicção que já tínhamos: é possível letrar literariamente o aluno. Normalmente o bom leitor é também um bom produtor de texto. Podemos constatar esta afirmação a partir do desempenho dos integrantes do grupo NERT os quais partiram da leitura de poemas para as próprias produções. Os textos versificados construídos pelos alunos não eram prisioneiros de regras, de metrificações; estavam comprometidos com a maneira bem elaborada de brincar com as palavras, encontrar uma trilha e seguir rumo ao conhecimento e ao prazer. Empregando um pouco das sábias palavras do poeta Ferreira Gullar, diríamos que a poesia não pode ser totalmente hermética, confusa, mas ela precisa ultrapassar a lógica comum. Esse lidar com a linguagem é que define o poeta. Linguagem compreensiva, mas que não é a mesma do dia a dia. Há nela uma aura que se distancia da prosa.

A seguir apresentamos um modelo de análise que costumávamos fazer à época (1994), tentando levar o aluno a experimentar um maior contato com poemas. É apenas uma simples interferência que fazemos no texto com o intuito de incentivar outras análises.

Colhendo frutos do nosso trabalho, aplicaremos o que acima foi anunciado a um poema escrito por Rubens em 1997. Vale ressaltar que apenas examinaremos alguns momentos do poema Versos inconfidentes. Os comentários encontram-se logo abaixo do poema.

Versos inconfidentes

O meu verso não é um simples lamento:
sou eu quando triste por dentro,
derramo de mim os meus segredos.

Eu não faço da inspiração o íntimo fracasso
deixando essas horas febris em pedaços,
sem em meu verso delirar...

é tão nobre esse momento
para se traduzir o que dentro
pode-se ouvir falar.

O meu verso não é um drama...
sou eu, quando do peito emana
suspiros, desejos, lágrimas do olhar...

Eu não faço da poesia o falso chorar
tão sem dores, sem soluços,
sem o brusco palpitar...

Eu não faço da poesia um grande medo:
pois meus versos choram
meus versos choram segredos.

Rubens Alves dos Santos (2009, p. 4)

3 COMENTÁRIOS SOBRE O TEXTO

A seguir, faremos algumas inferências que consideramos relevantes para estruturação do texto *Versos inconfidentes*. Seis estrofes compõem esse poema cujos versos se agrupam em tercetos. Das seis estrofes, apenas uma (a terceira) destoa da postura assumida pelo poeta: anunciar em cada verso inicial um autoconceito sobre o fazer poético. Cada uma delas vai traçando uma espécie de teia argumentativa. Na primeira estrofe, o poeta liberta o seu verso de uma definição de mero sofrimento, com uma carga emocional relevante. Ele procura externar a profundidade que parece explodir das suas entranhas. Daí ele, categoricamente, afirmar: “O meu verso não é um simples lamento/ sou eu quando triste por dentro/ derramo de mim os meus segredos”. Esse forte sentimento de dissecação do ser será retomado na quarta estrofe quando ele amplia esse teor de sensibilidade e sentencia: “O meu verso não é um drama.../ sou eu, quando do peito emana/ suspiros,desejos, lágrimas do olhar...” As

reticências colocadas no final do primeiro e terceiro versos da quarta estrofe sugerem um prolongamento da ideia imposta pelo eu lírico que se desnuda como aquele que agoniza em silêncio; as palavras *suspiros, desejos, lágrimas* do olhar celebram esse quadro de dor. Interessante observar que a palavra segredos da primeira estrofe é retomada na última estrofe. Aqui é possível acompanhar a dimensão discursiva do poeta, a sua capacidade de estabelecer um elo entre o anunciado, o desfecho e o título do poema. Os versos são inconfidentes porque escondem um segredo. Sentimos que através desse poema se cumpre uma das responsabilidades do artista: expressar um modo de estar no mundo. Destacamos, nas 1ª, 4ª e 6ª estrofes, os 2º e 3º versos como reveladores de uma sensível sutileza poética. Os versos aos quais nos referimos encontram-se sublinhados no texto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aptidão para a compreensão de obras literárias, como esse artigo buscou mostrar, pode fazer parte do arsenal de conhecimento dos alunos do ensino médio se estes forem incentivados desde as séries iniciais. É possível sentir prazer pelo estudo de literatura. É até um prejuízo cultural desprezar a função humanizadora da arte literária.

Atribuímos à escola a maior responsabilidade pelos conhecimentos que o aluno possa adquirir ou deixar de adquirir, pois a Instituição Escolar continua sendo o principal veículo do saber. Não há como negar que as questões voltadas para leitura e produção de texto constituem um dos principais problemas que continuam sendo apontados como indicadores dos insucessos do ensino-aprendizagem. A par dessa problemática, apostamos na ideia de que é indispensável letrar literariamente o aluno desde as séries iniciais para que, no futuro, tenhamos leitores mais preparados não só para atender as exigências do meio social, como também, para desfrutar dos prazeres proporcionados pelo diálogo estabelecido entre a literatura e a vida.

Sugerimos que as escolas reavaliem o programa de ensino de literatura e preparem o aluno para dominar a linguagem em suas várias direções, já que “qualquer linguagem em uso consiste em uma variedade muito complexa de discursos” (EAGLETON, 2006, p. 7). Confiamos ser possível preparar o aluno do Ensino fundamental para que, quando ele chegar ao Ensino médio, já possua um perfil de leitor literário.

A pergunta que tenho feito ao longo desses anos é se é possível formar alunos/leitores/produtores competentes sem que os professores também o sejam. A constatação dessa realidade tem sido ratificada pela postura que certos professores assumem quando são levados a fazer a escolha de determinadas obras para ler. Segundo Vygotsky (1956/2000), mediar a formação de uma habilidade em outrem supõe tê-la desenvolvido preliminarmente em si mesmo.

A arte literária contribui para que o discurso social seja sempre renovado. A possibilidade de explorar os recursos linguísticos sob vários pontos de vista coloca a literatura num plano de excelência e reserva-lhe um privilegiado lugar de atuação.

REFERÊNCIAS

- BARTHES**, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRASIL**. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e tecnologias**, 2006
- EAGLETON**, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO**, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MARTINS**, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: **Português no ensino médio e formação do professor**. BUNZEN, Clécio e MENDONÇA, Márcia (organização). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ORLANDI**, E. A produção da leitura e suas condições. In: **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996
- SANTOS**, Rubens Alves dos. **Primeiros escritos**. Carmópolis/Se: Biblioteca municipal, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1: A ROTA DOS HOMENS

Quando eu puder silenciar
O grito dos homens que choram
Nas vastidões das ruas desesperados...

Quando eu puder impedir cada lamento
Daqueles que não dormem pra sonhar
Mas acordados planejam um sol que esperam despertar...

Quando eu puder palmilhar cada face triste
E encontrar em cada olhar
Uma voz suplicante ao destino...

Eu derramarei meus versos
Tão íntimos, talvez incertos,
Para acariciar a dor desses homens.

Eu libertarei minha fala
Porque a poesia não cala
Enquanto o sofrimento existir.

Eu declamarei da minh'alma
O que em meu peito resvala
O que em meu peito eu sentir doer.

Quando eu puder percorrer cada extensão
E a cada passo descrever as súplicas
Das mãos que imploram...

Eu serei a possível resposta
De um mundo que aos olhos se mostra
Cruel com a própria criação.

Eu serei o possível caminho, a possível rota
De homens que aos poucos se voltam
A andar por distinta direção.

Rubens Alves
Carmópolis-SE, 1997.

ANEXO 2: CARMÓPOLIS POÉTICO

Era maio do ano de 1994. O município de Carmópolis estava com sua poesia adormecida há décadas. Apenas alguns poucos vultos ilustres tinham ainda uma inspiração inquieta.

Em defesa da arte poética e do resgate de talentos, a professora Gisélia Mendes da Silva idealizou o grupo NERT.

Inicialmente, participavam desse grupo os jovens: Núbia de Jesus, Elaine Oliveira, Rubens Alves dos Santos e Talvanis Henrique dos Santos, todos filhos da terra.

Essa idealização não pretendeu reproduzir nem copiar uma poesia defendida por outros poetas, mas aguçar os talentos naturais e alimentar raízes novas na nossa árvore poética.

Não demorou muito tempo para que essa nova vanguarda mostrasse sua habilidade com o verso. Houve uma grande produção de textos que alterou a atmosfera cultural do município e atraiu novos participantes como Fabiana de Araújo Bezerra, Anílton Soares de Oliveira e Wilson Santana.

Pôde-se observar, pelos mais artisticamente atentos e apreciadores, o novo despertar da nossa poesia e convém lembrar que a idealizadora desse grupo, apoiada apenas pelas suas convicções, não hesitou um só instante quando resolveu criá-lo, pois reconheceu e soube valorizar os talentos da terra que aprendeu a amar.

Houve importantes resultados em concursos de poesia nas cidades sergipanas de Própria e Lagarto: o poeta Talvanis Henrique dos Santos vence, no ano de 1997, o XII Concurso de Poesia Falada da cidade de Própria com o poema *Rebeldia Mutante*; Rubens Alves dos Santos, no mesmo ano, vence o IX Concurso de Poesia Falada da cidade de Lagarto com o poema *A Rota dos Homens* e no mesmo concurso recebe prêmio pelo 2º lugar com o poema *Versos Inconfidentes*. Todos os poetas tiveram participações e premiações importantes em outros concursos.

A boa atuação do grupo NERT fez intelectuais do Estado de Sergipe lembrar que Carmópolis, a terra do poeta José de Aguiar Sampaio³, continua sendo palco de talentos lúcidos que despertaram a poesia carmopolitana do sono profundo das décadas.

Rubens Alves
Carmópolis/2005.

³ Poeta maior do município de Carmópolis. Sua poesia, predominantemente social, foi de exaltação do povo e de combate às injustiças.

ANEXO 3: SER NERT É

poder não saber
querer saber
ainda poder saber
entender que o compromisso é indispensável
crer que a organização é fundamental
descobrir que o não-conhecimento é um estágio da sabedoria
estar disposto a ouvir, aprender e ensinar
perceber a hora certa de falar
pressentir o momento exato de calar
ver o sucesso como apenas mais um detalhe
ser capaz de perdoar, ajudar, sonhar, vencer e amar
SER HUMANO
SER VOCÊ

Gisélia Mendes
Carmópolis-SE, 1994.

ANEXO 4: TÍTULOS DE OUTROS POEMAS DE RUBENS E ANO EM QUE FORAM ESCRITOS:

Refúgio (1994), Sentimento indizível (1994), Amando ou ainda odiando (1994), Perversão (1994), Manhã (1995), Desbravando os mares (1995), Analogia (1995), Núpcias dos deuses (1995), Vôo d'alma (1995), Ceci e Peri (1996), Laços do pecado (1996), Êxtase final (1996), Estresse da amante (1996), Para o firmamento (1996), Caminhos áridos (1996), Falsidade (1996), No meio do escuro (1996), Alternância (1996), Sepulcro poético (1996), Chorosos versos (1996), Passo ao passo (1996), Poesia (1996), Nem (1996), Guardião (1997), Descuido (1997), Sem regras no tempo (1997), Versos Inconfidentes (1997), Coleção de mim (1997), Do túmulo ao palco (1997), Profundezas azuis (1997), Anseio e Exílio (1997), Adolescência (1997), A gênese e o verso (1997), Lágrimas da torre (1997), Moldura (1997), A rota dos homens (1997), Versejando (1997), Prenúncio (1997), Placidamente (1997), Natal (1997), Canto de Zumbi (1998), Segredos (1998), Prazer final (1998), Naufrágio no azul (1998), Berimbau (1998), Um intérprete de mim (1998) Joia Preciosa (1999), Tom feroz (1999), O que há em mim (1999), Império escuro (1999), Nesta hora (1999), Aprendiz profano (1999), Obediência (1999), Cúmplice-metade (1999), Conspiração (1999), Pertinência (1999), Consultando o medo (1999), Perdedor (1999), Quem dera (1999), Fiéis espelhos (1999), Afastando a solidão (2000), Subindo o Monte Carmelo (2000), José Sampaio: o poeta (2000), Todos os danos (2000), Desejos mortais (2000), Convite mortal (2000), Vinícius (2000), Vem pra cá (2000), Verso corrompido (2000), Outubro Perverso (2000), Borbulhas de Agonia (2001), Noite e Naufrágio (2001), Madrugada em mim (2001), Pena máxima (2001), Porta fechada (2002), Concessão (2002), Aquele poeta (2002), Jurar, arder e profanar (2002), Porta aberta (2002), Traição (2002), Estranhos laços (2002), O vazio (2002), O novo dia (2002), Samba do meu amor sem fim (2002), Os Ímpios (2003), Gênese novamente (2003), O mel e o fel (2003), Receio (2003), Irracional (2004), O elo perdido (2004), A visão do breu (2004), A culpa (2004), Aprendizagem (2004), Partes perdidas (2004), Na mesma estrada (2004), Pulsação (2005), Dor desigual (2005), Igual ao universo (2005), Meninos (2005), Teratologia (2005), Santo engano (2005), A espera de um clarão (2005), Meninos (2005), Ordem de morte (2006), Distância (2007), Música (2007), Trevas em mim (2007), Já tenho um novo amor (2007), Na festa (2007), Vertendo sangue e lágrima (2007), Arrasta-pé junino (2008), Reatando laços (2008), Soneto do carrasco noturno (2008), Soneto caipira (2008), Festa de Momo (2008), Ciranda da alegria (2008), João Pedro (2008), Eu não sou ninguém (2008), Quem mais sangrou (2008), O sofrimento (2008), O sagrado mistério (2009), Hino ao Imperador (2009), O lume do saber (2009), Profundo coma (2009), Onde está a revolução (2009), A Luz do mundo (2009), A Cristo (2009), Epopeia da Comarca de Pacatuba e seus heróis (2009), Última romaria (2009), Anjo Gabriel (2009).

Os poemas acima citados encontram-se, em Carmópolis, na Biblioteca Pública José Amado Alves.

